CONFERÊNCIAS

Na Escola de Belas Artes do Porto

Perante numerosa e selecta assistência, realizou ontem, de tarde, no salão nobre da Escola de Belas Artes do Porto a sua anunciada conferência o distinto professor e escritor sr. dr. Armando de Matos que dissertou sobre o tema «Joaquim de Vasconcelos e o românico em Portugal», evocando assim, como justo preito de homenagem, a memória daquele prestigioso historiador e crítico de arte.

Antes de ser concedida a palavra ao conferencista, o director da Escola de Belas Artes e professor sr. Joaquim Lopes usou da palavra. Principiou por focar o panorama do alvorecer do presente século em que a par das reivindicações sociais existia a preocupação da cultura, referindo-se ao movimento de actividade que se ja notando e desenvolvendo na Academia Portuense de Belas Artes, que passou à categoria de Escola. Recordou depois a personalidade de Joaquim de Vasconcelos, professor de História de Arte daquela Escola, que, após vida de intenso labor, conquistara a justa categoria de Mestre de Mestres. Aponta o nome de um conhecido artista de notável merecimento, Marques de Abreu, que foi um apaixonado pela obra admirável de Joaquim de Vasconcelos.

O sr. dr. Armando de Matos proferindo a sua conferência

O professor Joaquim Lopes referiu-se, seguir, ás iniciativas de divulgação ltural e artística do egrégio histoador, terminando por afirmar que a elhor e mais digna homenagem que eria prestar-se a Joaquim de Vasicelos seria reeditar a sua obra. E rescentou : — «E ninguém mais incado para isso que Marques Abreu, ndo o auxílio do Estado». Fez, deis, a apresentação, em termos elosos, do sr. dr. Armando de Matos, e em seguida, iniciou a sua confencia evocando a que Joaquim de sconcelos realizara em 4 de Janeiro 1914, no Ateneu Comercial do Porto. Sumariando esse notável trabalho, do udoso professor da Escola de Belas Artes do Porto, o conferencista fez incidir, num ou noutro ponto, algumas palavras de crítica, confrontando o estado dos estudos do românico nessa época e hoje em dia. Transcreve abundantes passagens do valioso texto, como homenagem, fazendo justiça ao prof. Joaquim de Vasconcelos, afirmando que «A Arte Românica em Portugal» foi a sua mais notável contribuição para a bibliografia portuguesa do românico, e um dos mais valiosos números de toda ela.

Documenta como nestes estudos Joaquim de Vasconcelos, soube «ver e sentir», os problemas que o estudo do românico ainda hoje encerra e acaba por fazer diversas considerações sobre esta nossa arte da mais alta idade média, destacando meia dúzia de problemas fundamentais, para os quais chama a atenção dos arqueólogos, historiadores e críticos de arte.

Ao concluir a sua conferência, o sr. dr. Armando de Matos foi muito aplaudido.

Almada Negreiros pediu a palavra, no Clube Fenianos

A convite da «Colecção Germinal», jovem agrupamento de autores, do Porto, realizou-se no Clube Fenianos Portuenses uma palestra do pintor Almada Negreiros, sob o titulo de «O pintor pede a palavra». Com uma sala cheia de um público selecto e em franca expectativa, Almada começou por dizer que a sua palestra era o fruto de um laborioso trabalho, que já fora apresentado a pessoas das mais categorizadas no mundo da arte, e das quais obtivera completa aprovação. Esse trabalho pretendia provar que a arte primitiva portuguesa entroncava na linha directa da antiga e perfeita civilização grega e cretense.

A sua palestra nada mais seria, pois, que uma ligeira introdução aos trabalhos a apresentar em breve e o pintor dar-se-ia por bem satisfeito se conseguisse interessar os jovens estudiosos na especulação de alguns problemas que ia aflorar.

Efectivamente, os problemas que Almada Negreiros levantou nada mais podiam ser que aflorados. Pela sua complexidade, por estarem fora do conhecimento normal do público — pois exigem uma preparação e um largo estudo sobre a mitologia grega e a escola pitagórica — e até pela surpresa que representam, deviam, é certo, ser tratados em pormenor. Mas isso não seria possível numa simples palestra e no escasso tempo de que dispunha. De modo que tentaria uma visão de conjunto, que seria fatalmente imperfeita.

Depois, seguiu-se a curiosíssima e apaixonante explanação do que teria sido a civilização cretense, que explica a civilização grega como sua continuidade. As relações dos números com o mito, a sua importância fundamental nas relações da arte, a extraordinária vitalidade de certos símbolos que surgem na obra de arte desde os mais remotos tempos até á vida portuguesa, pois o pentagrama está na Sé do Porto e na igreja de S. Francisco, por exemplo, e ainda, nos trabalhos de pintura da chamada «oficina de Lisboa», o «Ecce homo» o «S. Sebastião» e o políptico de Nuno Gonalves. E Almada Negreiros teve o cuidado de especificar, que se tratava de factos demasiados, para poderem ser tomados como mera coincidência.

Nos próprios Lusiadas se encontram exemplos. E assim, os artistas portugueses podiam considerar-se de parabéns. Pois que os trabalhos de pesquisa estavam já iniciados por vários grandes estudiosos mundiais. E em Portugal havia a prova iniludível da corroboração desses factos.

O conferente foi, no final, muito aplaudido.

LOGIA

ESTADO DO TEMPO